

[TT01017]

Professor João

José Benedito de Almeida Júnior

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Professor João

Professor João ou sobre a filosofia

Autoria: José Benedito de Almeida Júnior

(bene@defil.ufu.br)

Personagens:

Ciro

Estagiário

Luciano

Maria

Narrador

Pedro

Professor João

Agradecimentos,

Gostaria de agradecer a todos os que participaram da leitura filosófica desta peça, em especial a :

Ellen (que interpretou Pedro e o Estagiário)

Wesley (que interpretou o Giro)

Luciana (que interpretou a Luciana)

Anete (que interpretou a Maria)

Ricardo (que interpretou o professor)

Fernando (que interpretou o narrador)

PROFESSOR JOÃO

DIÁLOGO PRIMEIRO OU DA IGNORÂNCIA

NARRADOR: Em 1982, eu morava no bairro de Perus, em São Paulo. Esse bairro é o último da cidade em direção à zona oeste. A escola na qual eu estudava fica no que podemos chamar de periferia do bairro: num lugar bem distante da estação de trem. Ali estudei filosofia. Em meio a uma das aulas, uma aluna -cujo nome não me recordo- fez exatamente a pergunta que reproduzo agora: o que é o ser? Para respondê-la, o professor utilizou as idéias de diversos filósofos e não conseguiu qualquer resultado convincente; por mais que nos explicasse ficávamos sempre com a impressão de que cada filósofo explicava à sua maneira e nenhum deles falava nada de concreto, nada que fosse claro e evidente para nós. Então, por motivos nunca explicados, o professor deixou a escola e ficamos várias semanas sem aulas de filosofia. Este era um problema comum para nós, o mesmo ocorrera com biologia, química, história.

Nossa escola era modesta. Não tinha muitas salas de aula e as poucas que havia por ali estavam muito mal tratadas. Ao menos, as pichações haviam parado. A tinta que recobria as paredes era bem rala e o chão era de cimento rústico. Isto tudo dava uma aparência de falta de cuidados para com o prédio. Durante o verão, à tarde, as salas se tornavam verdadeiros fornos -bem sei porque estudei neste horário até quando comecei a trabalhar, quando me transferi para o período noturno- durante o inverno, contudo, especialmente à noite, pareciam as câmaras dos frigoríficos.

Estávamos no mês de maio quando finalmente encontraram um novo professor de filosofia. Era um homem de meia idade chamado João e nunca comentou conosco porque estudou filosofia, ou em que faculdade a fez. Chegou e foi logo dando aula para nós. Depois, de uma breve história da filosofia. Passou a falar do período clássico (Sócrates, Platão e Aristóteles) e não passou daí, pois logo nas primeiras aulas iniciou uma seqüência de conversas as quais reproduzo agora e que se seguem na ordem em que me lembro e não exatamente na ordem em que ocorreram.

Lembro-me que era uma noite chuvosa e fria. A maioria de nós tinha alguma parte do corpo molhado, fossem os pés, fossem as costas ou a cabeça. Ninguém havia escapado ileso. Um vento frio passava entre as janelas quebradas e terminava de nos trazer um grande incômodo. A primeira aula acabou e imediatamente o professor João entrou na sala. Estava tão frio que ninguém quis mesmo sair -a não ser um ou outro caso urgente, todos permaneceram sentados. Ele depositou sua pasta na mesinha do professor, apagou a lousa e antes que retomasse o fio das discussões que vínhamos fazendo a mesma colega de classe voltou com sua pergunta: "o que é este ser, de quem estes filósofos tanto falam?" Olhando para nós -sem conter certo espanto nos olhos- perguntou se queríamos mesmo que ele respondesse aquela pergunta. Como dissemos que sim, até mesmo porque isto nos daria algum tempo de folga na matéria da prova, ele se sentou sobre a carteira e começou esta seqüência de aulas. Em primeiro lugar, nos pediu paciência para chegar ao ponto da resposta. Consentimos mais uma vez (quem sabe isto nos daria mais tempo e menos matéria?) Assim, começou suas aulas.

O Sábio e o ignorante

PROFESSOR: Vocês se lembram quando eu disse que Sócrates afirmava nada saber e mesmo assim era o mais sábio dos homens? Pois bem, na ocasião ninguém me questionou e aceitaram passivamente o que é, no mínimo, estranho. Para responder esta pergunta, peço que me

Professor João

acompanhem nos meus raciocínios, está bem?

NARRADOR: Uma vez a sala concordando, começou:

PROFESSOR: Quando Sócrates nos ensinava que era o mais sábio, porque nada sabia, não estava fazendo um mero jogo de palavras, de fato, não é difícil provar que nada sabemos.

CIRO: não me parece tão fácil, uma vez que não somente eu, mas a maioria das pessoas tem convicção de que sabem muitas coisas. Além disso, se não sabemos de tudo, podemos pelo menos aprender muitas coisas.

PROFESSOR: Certezas deste tipo levavam Sócrates a afirmar -conforme lhe havia sido dito pelo oráculo de Delfos- que ele era o mais sábio de todos os homens.

MARIA: Então, ele era muito exibido, como ele podia saber que era o mais sábio de todos os homens?

PROFESSOR: Provando que todos os outros eram ignorantes e que ele, sendo menos ignorante que os outros tornava-se automaticamente o mais sábio de todos.

LUCIANO: Ou o menos ignorante.

PROFESSOR: O que dá no mesmo, porém, com a diferença da humildade, afinal reconhece que é ignorante.

MARIA: Mas se ele é ignorante e os outros também, então todos são ignorantes. Além disso, isto de mais ou menos ignorante, parece-me um engodo. Como vamos quantificar a ignorância de alguém? Por exemplo, se uma pessoa é juíza e outra é médica, ambas são ignorantes e sábias, ao mesmo tempo.

LUCIANO: Aí começaria aquela conversa de sempre: minha ciência é mais complexa que a sua, então sei mais coisas do que você, logo sou mais sábio e menos ignorante.

PROFESSOR: Nossa, quantos argumentos! Acho que, de alguma forma, nossas aulas têm dado algum resultado. Concordo com tudo o que vocês disseram, mas...

MARIA: (fala aos colegas) ele sempre tem um mas...

PROFESSOR: Novamente, você tem razão e, é deste jeito que vocês poderão compreender facilmente como Sócrates podia se considerar o mais sábio de todos, mesmo reconhecendo sua ignorância. Aliás, ao final destas aulas vocês todos reconhecerão que são ignorantes!

ALGUNS ALUNOS: Ô, professor, você está nos ofendendo!

PROFESSOR: Desculpem-me, não era minha intenção. Percebo que vocês não sabem o que significa ignorante.

LUCIANO: Como assim? Ignorante é uma pessoa mal educada, sem modos.

MARIA: Então, aqueles que ameaçaram o professor acabaram de provar, que são ignorantes mesmo!

Risos

PROFESSOR: Ignorante é aquele que não sabe, que ignora. "i" é um prefixo que indica negação; "gnose" é conhecimento, logo, ignorante é aquele que não conhece. Assim, se eu provar que vocês não sabem, então deverão reconhecer que são ignorantes.

CIRO: O senhor fala de Sócrates e não provou como ele poderia ser menos ignorante do qualquer outra pessoa.

PROFESSOR: Tem razão! Ia me esquecendo. É uma simples questão de matemática. Ora, Sócrates dizia ser o mais sábio, porque, era ignorante e sabia disto, ao passo que os outros homens eram ignorantes duas vezes. Em primeiro lugar, porque nada sabiam, em segundo lugar, porque pensavam que sabiam de alguma coisa.

LUCIANO: Como assim? Não entendi.

PROFESSOR: Sócrates era ignorante apenas uma vez, por que nada sabia sobre as coisas, os homens, os pensamentos, mas sabia que nada sabia. Logo, tinha ao menos um conhecimento: o de que era ignorante. Os outros homens, porém, não sabiam que não sabiam, por isso, eram ignorantes duas vezes. Ficou claro?

MARIA: Agora sim.

PROFESSOR: Assim, podemos compreender como alguém pode ser ignorante como todos os outros -porque nada sabe a respeito das coisas, dos homens, dos pensamentos, dos sentimentos, da fé, enfim de tudo- porém, mais sábio que todos os outros. Não por alguma ciência em particular da qual seja especialista, pois como muito bem disse a Maria, o problema deixa de ser o quanto um homem é sábio ou ignorante e o quanto é conhecedor das especificidades de sua área. Ele, Sócrates, era mais sábio porque tinha um único conhecimento a mais do que todos: o da própria ignorância.

CIRO: Ótimo. Agora sabemos que somos ignorantes.

MARIA: Acho que não. Até agora, o que o professor fez foi nos explicar o que Sócrates dizia, mas não me convenceu de que eu nada sei, porque tenho certeza de que sei muitas coisas, por exemplo, que o sinal vai bater em um minuto.

PROFESSOR: Bem, pelo visto não sou só eu quem sempre tem um "mas" para falar.

Risos.

CIRO: Espere aí, ela tem razão. Posso até entender a explicação matemática que o senhor deu, afinal que dois é maior do que um eu compreendo, porém se sei que dois é maior do que um, que Sócrates é mais sábio que os outros homens...

LUCIANO: ... ou menos ignorante...

CIRO: como queira, então sei alguma coisa e, se eu sei alguma coisa, então Sócrates está errado.

NARRADOR: As expressões de satisfação tomaram conta de todos na sala, afinal, o professor estava numa situação complicada. Esta era uma sensação agradável para os alunos, porque com suas perguntas estranhas sempre os deixava confusos. Gostaram de ver que ele estava enredado nas próprias idéias.

PROFESSOR: Bem, concordo que provei como Sócrates pode ser o mais sábio dos homens, ao menos matematicamente. Não provei, porém, que vocês são ignorantes, não é verdade?

MARIA: Exatamente, a mim o senhor não convenceu.

PROFESSOR: Então, na próxima aula, continuaremos exatamente deste ponto.

LUCIANO: Salvo pelo sinal! Vai ter mais um tempo para pensar, não é?

PROFESSOR: É, vocês estão ficando bons nisso em argumentar com ironia.

NARRADOR: E assim acabou aquela aula.

AULA SEGUNDA OU DA MESA

Professor João

Uma semana depois, o professor voltou à nossa sala. Depois da rotina de fazer a chamada, apagar o quadro e escrever o cabeçalho da aula, retomou alguns dos principais pontos do que havia sido discutido e foi devidamente lembrado de que não realizara a tarefa a qual se propusera, ou seja, provar que éramos ignorantes. Confesso que, no íntimo, achava que ele estava completamente louco ou ia aprontar alguma pegadinha lingüística para nos confundir, mas convencer mesmo, sinceramente, eu duvidava!

PROFESSOR: Bem, a minha tarefa era a de provar que vocês são todos ignorantes e bem ignorantes, não é verdade?

LUCIANO: Não abuse da sorte, professor. Hoje, nosso humor não está muito bom, olha que o professor de matemática entregou as notas.

PROFESSOR: Um mau dia para vocês, não? Acho que ao final da aula vocês ficarão mais felizes ao descobrirem a própria ignorância.

CIRO: O senhor é louco? Como podemos ficar felizes em descobriremos que somos ignorantes?

PROFESSOR: Exatamente porque, depois disso, deixarão de ser completamente ignorantes e estarão de posse de um conhecimento seguro e indestrutível. Poderão dizer que nada sabem, porém que sabem disso.

MARIA: Muito agradecida pela sua aula, professor, afinal não é todo dia que temos a mesma notícia duas vezes e na primeira delas devemos ficar tristes e, na segunda, alegres.

PROFESSOR: Bem, acho que a ironia socrática é o que você mais tem praticado nos últimos dias, hein? Então vamos lá, não entendi o que você quis dizer.

CIRO: Ela quer ser filósofa, professor, anda atormentando todo mundo nos corredores com um monte de perguntas. Agora é a sua vez de agüentar!

Risos.

MARIA: Ora, primeiro recebemos nossas péssimas notas de matemática provando que somos ignorantes e ficamos tristes; agora, o senhor disse que ao provar nossa ignorância ficaremos alegres. Conclusão: devemos ficar tristes por sermos ignorantes, mas alegres por sabermos disso!

Desta vez os risos foram intensos.

LUCIANO: É professor, depois da minha nota em matemática eu acho que aquela sua aula para provar que eu sou ignorante foi inútil. Quero ver é o senhor me deixar feliz com isso.

A 4: Pelo menos em geografia eu fui bem.

LUCIANO: Então eu sou duas vezes mais ignorante que você!

PROFESSOR: (retomando o controle da sala) Muito bem, deixem de lamúrias! Basta aplicarem-se mais nos estudos e recuperarão estas notas. Estudem juntos no fim de semana e verão como os resultados melhorarão.

LUCIANO: Professor, queremos soluções e não mais problemas. Vamos ao que interessa, convença-nos de que devemos ser bobos alegres, ou nas suas palavras mais filosóficas, ignorantes e felizes.

CIRO: O Raul Seixas dizia que era um sofrimento não ser burro! Então ele era ignorante ou sábio?

PROFESSOR: Bem, eu não conheço os cantores desta nova geração, mas acho que as

palavras dele são dirigidas à realidade imediata, aquela que nós vemos superficialmente e acreditamos ser a realidade mesma. Quero dizer, para ele muitas pessoas viam os fatos e julgavam que estava tudo certo, tudo em ordem, e ele percebia que era tudo uma grande loucura.

LUCIANO: Não conhece, né? Então como sabe tudo isso?

PROFESSOR: Bem, deixemos o Raul Seixas e seus pensamentos e voltemos ao de Sócrates, não que eu ache os deste melhor do que os daquele, mas não vim aqui para lhes ensinar a diferença entre o Raulzito e o Raul Seixas ou a diferença das letras do Raul para as do Paulo Coelho.

CIRO: Ele ouviu o Raul!!

PROFESSOR: Então, vamos lá, pois senão toca o sinal e não poderemos encerrar o assunto hoje. Na semana que vem é feriado e, como só temos uma aula por semana, vocês ficarão completamente ignorantes por mais uns quinze dias. Acho que não é isso o que querem.

CIRO: Com certeza, não.

PROFESSOR: O que Sócrates queria dizer é que os conhecimentos que os doutores possuem a respeito de determinadas ciências são falsos não importando em quantas áreas do saber sejam especialistas. Para que eu possa provar, preciso que vocês raciocinem comigo e não contra mim. Lembra de como é esse método? Em primeiro lugar, portanto, vamos tomar como princípio que os conhecimentos que temos sobre tudo, doravante denominados coisas, pensamentos, objetos, sentimentos, idéias, valores morais, tudo o que vocês possam imaginar, são superficiais. Não conhecemos as coisas de fato.

Nosso conhecimento sobre as coisas é apenas aparente, pensamos que sabemos, mas na verdade nada sabemos. Quanto ao aprender, de fato, podemos aprender coisas, mas trata-se de conhecimentos superficiais. Literalmente, o que aprendemos sobre todas as coisas são aparências de saber e não o saber das coisas. Por exemplo, como se víssemos uma pessoa mascarada e a confundíssemos com sua fantasia.

MARIA (que até então estava estranhamente calada disse) - Então, o que me diz é que tudo o que supomos conhecer é como uma máscara que oculta o verdadeiro ser das coisas?

PROFESSOR: Exatamente!

MARIA: Será difícil convencer-me de que nada sei sobre muitas coisas ou que o que eu sei não é a coisa, mas sua máscara.

PROFESSOR: Posso provar que você não conhece as coisas, mas máscaras. Está disposta a responder-me algumas perguntas ou quer indicar algum colega para responder-me?

MARIA: (depois de olhar maldosamente para os colegas, sorriu e respondeu) Não, pode deixar que eu mesma respondo.

PROFESSOR: Ótimo. Vamos começar por um objeto muito simples, para mostrar que os mais elementares conhecimentos que supomos ter são meras aparências e que não nos dizem nada sobre o ser das coisas. Por exemplo, você poderia me dizer o que é mesa?

MARIA: Sem dúvida. Mesa é um objeto.

Professor: Concordo. Contudo, ao dizer "objeto" você não definiu mesa, apenas disse-me que ela participa de um determinado grupo de coisas às quais damos nome de objeto. Por exemplo, parede, sapato, poste, também são objetos. Assim, concluo que "objeto" é uma palavra que não define mesa.

Professor João

MARIA: Mas ela é um objeto, todavia! Veja, não poderia dizer que tudo no Universo pode ser resumido em seres: como plantas, animais e humanos; coisas: como minerais, gases, e os objetos artificiais. Mesa só se encontra na categoria de objetos.

PROFESSOR: Sem dúvida, quando falamos mesa, necessitamos dizer que é um objeto, mas objeto é uma palavra que não define mesa, porque serve para muitas outras coisas além de mesa.

MARIA: Entendo. O fato de "ser objeto" não a distingue de uma pedra, de um litro de água ou de um sapato.

PROFESSOR: Exatamente! Objeto é um termo universal que nos serve para integrar a coisa chamada mesa em um grupo conhecido a fim de conformar nosso conhecimento. Como já sabemos, no modo de ver dos realistas, os universais possuem existência real.

MARIA: Então, poderia dizer que mesa é um objeto, normalmente feito de madeira, mas pode ser de qualquer material, utilizada para apoiarmos outras coisas.

PROFESSOR: Boa explicação, mas novamente apenas envolveu o ser-da-mesa em uma cortina de definições que não me dizem quem ele é. Veja: a matéria de que é feita uma mesa, por exemplo, madeira ou ferro não definem a mesa, ao contrário, lança-nos de novo na questão: então, o que é madeira ou ferro? Dizer que mesa é feita de determinado tipo de matéria não responde minha pergunta, afinal, não perguntei: "do que é feita uma mesa", "mas o que é uma mesa".

Por outro lado, você disse que a mesa é utilizada para apoiarmos coisas, isto é, seu uso. Quanto a isso, fica ainda mais fácil responder! Vou até arriscar ser um pouco rude com você: não lhe perguntei para que serve, mas o que é mesa.

LUCIANO: A pergunta correta não seria: o que é uma mesa ou o que é a mesa?

PROFESSOR: Bem vejo que se em matemática vão mal, em português nem tanto. A introdução dos artigos indefinido e definido não são suficientes para escapar-me sem responder minha pergunta. Quando se fala "uma mesa" está se referindo a uma dentre as demais mesas, da mesma forma que não confundo uma mesa com um prato que está sobre ela, saberia dizer, num conjunto de objetos qual é mesa e qual é prato sei também distinguir uma mesa da outra.

(o Professor fez uma pequena pausa para pensar e depois retomou). Mesmo que haja duas mesas absolutamente iguais - e vamos considerar tal afirmação somente como hipótese e não como coisa real, porque é impossível que isto ocorra - nós não responderíamos a questão central: o que é mesa.

Por outro lado, o uso do artigo definido também nada ajuda, ouçam, quando se pergunta o que é a mesa, pode-se entender que se quer saber dentre dois objetos qual é a cadeira e qual é a mesa. Para responder essa questão nosso conhecimento superficial é suficiente. Mas para responder o que é mesa, não. Afinal, então o que me diz, o que é mesa?

CIRO: Estou ficando embaraçado, poderia dizer que a forma define a mesa, como ter pernas, ter o desenho de uma figura geométrica, mas acredito que logo me dirá que não respondi a questão. Só não sei como. O que me diz?

PROFESSOR: Sem dúvida, adivinhou! A forma também não define mesa, há inúmeras coisas que não são mesa e que podem ter sua forma, desde uma prateleira, uma sepultura, uma carteira escolar. Também o número de pernas nada nos diz, pois há mesas com muitas pernas e outras sem nenhuma. Sem dúvida, toda mesa possui forma, mas essa forma não define

mesa. Pode até definir, uma mesa, ou a mesa, mas nunca, mesa.

MARIA: Bem, algo me ocorre agora. Lembro-me de algumas aulas sobre os nominalistas e isso me dá uma luz: posso afirmar que mesa é um nome!

PROFESSOR: Ainda bem que fui seu professor, assim posso dizer que alguém se lembrou de uma lição. Agora, voltando a questão responderia de duas formas: em primeiro lugar, rudemente: não lhe perguntei o nome da coisa, mas a coisa. Em segundo lugar, o fato de ter esse ou aquele nome nada nos diz sobre a coisa. Sei que o objeto pelo qual lhe perguntei, o ser, possui um nome, mas a coisa não é um nome, ele serve apenas para identificá-la ou com um grupo ou individualmente.

CIRO: Como assim?

PROFESSOR: Numa cozinha existem vários objetos, para quem conhece o idioma português sabe que a palavra mesa se refere a um objeto normalmente, retangular, quadrado ou redondo, que é usado para apoiar outros objetos. Então, nada acrescenta a minha questão. Mesmo que fôssemos ingleses isto de nada adiantaria para responder nossa questão, pois escreveríamos table ao invés de mesa. No entanto, se fôssemos franceses escreveríamos table.

(Os alunos logo perceberam que as letras eram as letras eram as mesmas, mas os fonemas, não). Então, de nada adianta escrevermos ou pronunciarmos diferentemente o nome do objeto, o fato é que o nome nada nos diz sobre o ser da coisa.

Quanto ao uso do nome para identificar individualmente uma coisa, depende de um grupo de pessoas que entendam de que objeto falamos. Por exemplo, certa vez morei em uma casa na qual tínhamos duas mesas: uma não tinha outro nome senão mesa, outra era conhecida como "bagaço" porque as juntas entre suas pernas e seu tampo estavam quebradas e ela vivia caindo.

LUCIANO: Então, afinal o que é mesa?

PROFESSOR: Vamos fazer uma revisão do que vimos até aqui para podermos avançar um pouco mais. Você pode fazê-la?

LUCIANO: Vou tentar. Você perguntou o que é mesa. Nós afirmamos, em primeiro lugar, que é um objeto, mas logo entendemos que objeto é uma categoria que não define mesa; o uso também não, o fato de ela possuir forma e ser feita de algum tipo de material, também não, por fim, receber o nome geral de mesa ou algum nome particular também não a define. Não vejo saída!

PROFESSOR: Há um grupo de filósofos que consideram essa questão encerrada por aí, ou seja, para eles uma coisa é aquilo que podemos definir dela: matéria, forma, uso, nome. Talvez, algo mais que me tenha escapado. De qualquer forma, esse grupo toma como a resposta para "o que é mesa" como esses elementos. O que lhe parece?

LUCIANO: Bastante razoável, afinal se aplicarmos esse mesmo método não só poderemos definir todas as coisas do mundo, mas também diferencia-las a tal ponto de podermos falar de cada uma individualmente: essa mesa e não aquela, esse vaso e não aquele.

PROFESSOR: Admirável raciocínio, mas o fato é que você e o grupo de filósofos ao qual me referi confundem duas coisas distintas. Vocês sabem diferenciar uma mesa de uma parede, ou não?

CIRO: Sem dúvida sabemos! Por que a ironia?

PROFESSOR: Devo demonstrar que diferenciar coisas não é saber o que elas são! Você

Professor João

afirmou que pode diferenciar todos os objetos do mundo uns dos outros, e também todos os seres, possivelmente, mas isso não quer dizer que saiba me dizer o que é a coisa ou cada coisa.

NARRADOR: Um aluno que estava meio distraído ouviu algumas palavras e tentou resolver o problema pelo que chamavam de "via rápida".

A 4: Professor, deixe de loucura. Se você quer saber o que é mesa é só olhar para o lado e ver que mesa é isso aí! (disse apontando para a pequena mesa do professor)

PROFESSOR: Meu caro, fico muito feliz de ver que você participou de minha aula pela primeira vez e, por isso, não gostaria de lhe dizer que está errado. Porém, algum colega seu poderia ajudar-me e corrigir-lhe o pensamento?

MARIA: Acho que eu posso. (Voltando-se ao colega) Dizer que "isso aí" é mesa não satisfaz a pergunta, porque se a pessoa for cega como ela vai aprender o que é mesa?

A 4: Uma pessoa cega conhece as coisas pelo tato, então, ela pode muito bem perceber que isto é uma mesa!

MARIA: Muito bem, mas mesmo assim, ela só vai poder dizer que há uma mesa ali, que ela possui determinada forma, etc. Mas ela não vai conseguir nos dizer o que é mesa!

PROFESSOR: Você pegou o espírito da coisa, ainda que possamos indicar um objeto por qualquer dos sentidos e até mesmo por instrumentos como satélite, não saberíamos dizer o que eles são e continuaríamos com o problema nas mãos. Acho que poderíamos fazer uma pequena síntese do que discutimos até aqui, o que acham? Bem, já que ninguém respondeu, poderiam indicar alguém para fazer a síntese?

NARRADOR: Todos apontaram para a MARIA. Um tanto constrangida, mas orgulhosa começou sem muitas cerimônias.

MARIA: A matéria de que é feita, o uso, a forma, o nome, saber diferenciar uma da outra não me dizem o que a coisa é. Mesmo porque, se um marceneiro faz duas mesas o mais idênticas possível a ponto de mesmo um olhar treinado não encontrar qualquer diferença entre elas, isso não quer dizer que não saberia dizer essa mesa ou aquela mesa. O fato de poder diferenciá-las não quer dizer que saiba dizer o que são.

CIRO: Professor, mas e os cientistas? Eles não sabem o que as coisas são?

PROFESSOR: Do ponto de vista do qual falamos, não? Parece-lhe um absurdo?

CIRO: Um absurdo completo! Como negar que os cientistas saibam muitas coisas sobre aquilo que pesquisam? Basta observarmos os avanços da tecnologia e logo veremos o quanto eles conhecem, ou o senhor negaria tais avanços?

NARRADOR: A classe olhou para o professor novamente feliz por vê-lo em dificuldades e orgulhosa do colega tão perspicaz.

PROFESSOR: De forma alguma eu negaria os avanços da ciência. Longe de mim. Mesmo porque sem eles nós não teríamos aulas à noite, não poderíamos nos deslocar por trinta ou quarenta quilômetros para vir dar ou ter aula todos os dias etc. Ocorre que os cientistas, como aquele grupo heterogêneo de filósofos, consideram a pergunta, o que é uma mesa uma grande bobagem. Para eles, os cientistas, importa o quanto a mesa mede, pesa, quanto peso suporta, e muito mais informações. Uma vez de posse destas informações podem fazer com que a tecnologia avance: como fazer uma mesa mais resistente e leve? Como fazer uma mesa mais bonita e barata? O avanço tecnológico caminha num sentido diferente do nosso. E, cá para

nós, acho muito bom que os cientistas não se perguntem muito pelo que as coisas são, senão não teriam tempo de fazer com a tecnologia avance e possa trazer melhorias para nós, tais como, produzir bens industriais sem prejudicar a saúde dos trabalhadores, dos consumidores e do meio ambiente. Mas isto é assunto para uma outra conversa.

LUCIANO: O que podemos concluir?

MARIA: Ora, que nem os cientistas sabem dizer o que as coisas são, ainda que saibam utiliza-las a partir dos estudos de suas características.

PROFESSOR: Exatamente. Vê agora o que lhes dizia? Sócrates não brincava quando afirmava nada saber, pois se não sabemos dizer o que é mesa - um objeto tão simples - o que diremos de coisas como o belo, o bem, a justiça, a verdade? Faz-se discípulo de nosso mestre maior, agora?

LUCIANO: Sem dúvida, já o era e fico ainda mais. Contudo, sacia minha curiosidade e me diz: o que é mesa?

PROFESSOR: Antes de responder esta sua pergunta farei mais uma observação: não sei como aquele grupo de filósofos ainda não se divertiu mostrando que essa máxima de Sócrates destrói, aparentemente, a si mesma!

MARIA: Como assim?

PROFESSOR: Não percamos tempo com isso, ainda temos algo a aprender de muito importante hoje.

LUCIANO: Ora, ainda é cedo e todos aqui querem saber do que se trata essa sua fala.

Alguns alunos: Todos não, hoje é quarta-feira e queremos mesmo saber quanto está o jogo.

PROFESSOR: Como não tenho poder para dispensar aqueles que estão mais interessados no jogo de futebol do que em minha aula, peço que fiquem e participem desta nossa conversa.

Para evitar maiores confusões, não me deterei em provas e contraprovas, serei sucinto. Se nada sei, então não tenho conhecimento algum. Ora, quando o mestre diz "só sei que nada sei" então, afirma nada saber, seu único modesto conhecimento. Contudo, como ele "nada sabe" pode também estar enganado relativamente a esse único saber, o que significaria que ele sabe muitas coisas.

CIRO: Isso me confunde bastante, é possível, encontrarmos uma contradição nessa frase? Então, primeiro você nos propõe uma frase que é um absurdo de contradição, depois, nos convence de que ela está correta; agora, quer nos mostrar que talvez ela seja contraditória mesmo. Onde vamos chegar?

PROFESSOR: Considere que isto foi somente um divertimento, brincamos um pouco de filosofar, mas não quero perder nosso tempo com isso, voltemos a nossa aula.

(Nesse momento MARIA se apresenta para a conversa).

MARIA: Por que nada conseguimos dizer sobre o que é mesa? Entendi sua explanação, mas não consegui entender o que acontece com nossa consciência que não consegue responder uma questão tão simples.

PROFESSOR: Excelente pergunta! Gosto quando saímos do mundo dos exemplos e formulamos questões gerais. Trata-se do seguinte: apenas falamos coisas "sobre a mesa" e nada dela mesma.

LUCIANO: Ainda não entendi!

Professor João

PROFESSOR: Calma, explicarei. Quando dizemos que a mesa é um objeto, o que dizemos? Que sobre ela posso dizer que é um objeto, mas o que é um objeto? O primeiro o que é se refere a coisa mesma, seja mesa ou cadeira, o segundo o que é se refere ao universal, à categoria universal na qual queremos inseri-la.

MARIA: E quanto ao uso?

PROFESSOR: Ao dizermos: mesa serve para algo, podemos perguntar, mas o que é isso que serve para algo?

MARIA: Da mesma maneira, se dizemos que a mesa é feita de tal coisa, então podemos perguntar, mas o que é isso que é feita de tal coisa?

LUCIANO: Se dizemos que a mesa possui uma ou que pode possuir muitas formas, então podemos perguntar o que é isso que possui formas?

CIRO: E também, o que é isso ao qual chamamos por tal nome!

PROFESSOR: Muito bem. Como vocês mesmos perceberam falamos apenas sobre a mesa e nada dela mesma. Agora, o tempo urge, o sinal já bateu e preciso ir até a outra sala, porque senão os alunos vão para o corredor e a diretora nos advertirá.

LUCIANO: Você não vai nos deixar aqui sem nos dizer o que é mesa, não é mesmo?

NARRADOR: Recolhendo sua pasta, seus diários e sua caixinha de giz e apagador.

PROFESSOR: Ora, serão apenas quinze dias buscando a resposta.

MARIA: Na verdade, acho que nem ele sabe a resposta!

NARRADOR: Por tal afirmação foi aplaudida pelos demais alunos que confirmaram a mesma suspeita.

PROFESSOR: Talvez eu saiba a resposta, talvez eu não saiba a resposta. O mais importante, no entanto, é seguirmos nossos rumos. O professor de matemática está à porta e meus alunos que deveriam estar no primeiro andar, já passaram por aqui. Até mais!

NARRADOR: Enquanto saía da sala, ouviu alguns comentários ácidos dos alunos, mas considerou-os todos positivos, pois conseguira ao menos incomodá-los, tira-los um pouco de sua zona de conforto intelectual. Ou talvez fosse apenas um professor tolo. O professor de matemática, no entanto, não gostou quando ao responder o que é mesa ouviu como arguição que "isto daí" não respondia a pergunta e exigiu silêncio para iniciar sua aula sobre trigonometria.

TERCEIRA AULA OU DO ESTAGIÁRIO

NARRADOR: Quinze dias depois, a aula de filosofia pôde ser retomada. Havia no ar uma grande expectativa pela aula e pela resposta do problema que havia sido proposto. Isto era bem raro de acontecer. Apesar de nesta pequena narrativa eu colocar a voz de três ou quatro colegas, muitos perguntavam e participavam da aula, mas não consigo me recordar de todos os detalhes. A seqüência do diálogo foi inesquecível, porque houve a presença de um novo personagem em nossa aula: um estagiário. Além disso, o tema da mesa foi superado - nós que pensávamos não haver questão maior do que essa a ser proposta nos enganamos.

O professor chegou pontualmente em nossa aula. Entrou, depositou calmamente seus objetos sobre a mesa e pôs-se a apagar a lousa, já respondendo com um bom humor inabalável, as provocações dos alunos. Ora, filosóficas, ora futebolísticas. Enfim, uma vez tudo pronto a aula teve início.

PROFESSOR: Boa noite a todos. Vamos recomeçar nossa investigação. Espero que os senhores e as senhoras tenham pensado um pouco melhor sobre conhecimento e ignorância.

LUCIANO: Pensamos sim, professor. Agora nosso maior conhecimento é a nossa ignorância. Estamos orgulhosos disso, antes desconfiávamos, mas agora temos certeza de que não sabemos nada.

PROFESSOR: Por que tanta certeza? Foram mal nas provas de novo?

MARIA: Até que não, acho que ele estava falando sério.

PROFESSOR: Bem, então, se estou no meio de gente tão séria...

(e de fato a sala estava absolutamente quieta)

... então é melhor ser sério também e começar a trabalhar. Vejo que temos um convidado em nossa sala.

Os Alunos ? É o estagiário!

NARRADOR: O moço quase morreu de vergonha e nada disse. O professor, no entanto, estranhamente demorou a pedir que ele se apresentasse como sempre fazia. Em primeiro lugar, pensei que o professor imaginou que ele já fosse conhecido da classe. Depois, descartei esta hipótese. Em pouco tempo, pudemos perceber o que ele lhe reservara.

Professor: Em primeiro lugar, quero pedir desculpas ao nosso convidado, porque sendo ele aluno de filosofia deve estar esperando uma aula de filosofia de verdade, quando o fato é que me perdi em meio a alguns devaneios e não há modo de convencer estes alunos a deixarem este nosso descaminho de lado e retomarmos um curso de filosofia sério. Assim, prometo-lhe que minha aula não será de todo inútil para o seu aprendizado, pois ao menos você poderá ver como não ensinar filosofia aos alunos.

NARRADOR: Muito tímido, o moço nada respondeu, limitando-se a dar um sorriso amarelo.

O professor notou, também, a presença de um aluno que se ausentara de suas últimas aulas. Estivera em licença médica por mais de um mês, por isso, perdera os diálogos. Tendo retornado, foi escolhido como motivo para iniciarmos uma revisão. No entanto, o professor não explicou nada. Encarregou-nos de indagarmos ao nosso colega o que era mesa e, também, de respondermos um a um seus argumentos. Foi bastante divertido fazer aquilo. Alguns instantes depois, tomando a palavra novamente, o professor avançou em nossa investigação.

Professor: Uma vez que os senhores estão convencidos de que não sabem me dizer o que são as coisas (ou seja, tudo o que for objeto de nosso conhecimento) e que portanto deixaram de ser duplamente ignorantes, mas ignoram uma única vez, gostaria de lhes perguntar se estão dispostos a enfrentar um longo caminho de perguntas, respostas e reflexões sobre uma coisa bem mais difícil de se definir do que uma mesa.

Os alunos: Manda ver!

PROFESSOR: É bom alerta-los que também não sei se sei exatamente aonde minhas investigações chegarão, talvez, vocês tenham perguntas para as quais não tenha respostas e poderemos ficar no meio do caminho. Porém, a segurança dos portos é o sonho com o qual todo marinheiro devaneia, mas isto não o impede de lançar-se em alto mar. Ao contrário, após alguns dias de descanso em algum porto, o desejo da aventura o atrai irresistivelmente para novas viagens; prefiro arriscar-me no mar a ficar falando dele no conforto de um píer, observando todos os dias o Sol se por além do mar sem saber o que ele busca por lá noites a fio.

Professor João

Então, comecemos. Trata-se de uma pergunta que não deve ser considerada vã, porque não poderia ser endereçada a nada que não fosse tão complexo quanto ser humano.

CIRO: Qual seria essa pergunta tão complexa?

PROFESSOR: Na verdade, não é a pergunta que é complexa, nem o objeto dela, mas complexa é a reflexão que vocês terão de fazer por si mesmos após terminarmos o diálogo. Então, vamos a ela? Quem quer me responder umas perguntas?

NARRADOR: Muitos levantaram a mão, outros indicavam os colegas. Depois de algum tempo de algo parecido com um diálogo decidiram que caberia ao estagiário responder a questão para que os outros tivessem mais tempo para raciocinar. O professor, então, retomou o diálogo com aquela pergunta que nos faria pensar muito, não só naquele momento, mas para o resto de nossas vidas.

PROFESSOR: Muito bem, qual é mesmo seu nome?

Estagiário: Essa já é a pergunta?

Narrador: A risada foi geral, o professor não perdeu o bom humor e, após esperar a manifestação de alegria diminuir o volume dos ruídos retomou a palavra.

PROFESSOR: Não, senhor, esta não era a pergunta eu apenas quero saber seu nome para dirigir-me diretamente a você; não fiz essa pergunta aos outros, porque sabia o nome dos que participaram do diálogo até aqui. Então, deixe de susto ou de ironia e me responda, por favor, qual é o seu nome?

Estagiário: João.

PROFESSOR: Muito bem, João. Agora, que já sei seu nome pode responder à pergunta que farei?

Estagiário: Estou ansioso por isso!

P: Então, me diga João, quem é você?

Estagiário Ora, está brincando? Acabei de lhe dizer quem eu sou!

NARRADOR: O espanto foi geral, pois na verdade todos acharam que o professor estava equivocado ou insistindo imprudentemente numa brincadeira que a todos pareceu sem graça. João deixou transparecer um quê de ofensa ao ser redargüido daquela forma pelo professor. No entanto, de modo inabalável ele continuou:

PROFESSOR: Serei rude com você, meu caro, e com nossos colegas de reflexão. Ouça-me com atenção: não perguntei qual era seu nome, mas quem é você!

Narrador: Novamente, o espanto foi geral. Dessa vez, o professor nos calou e ficamos atônitos. Percebemos que aquela seria uma noite muitíssimo interessante. Todos começaram a discutir com seus vizinhos a resposta do professor e procuravam uma solução. Então, concluiriam que nada sabiam de si mesmos além do nome. Eis que o professor, que aguardara pacientemente o desenrolar das discussões, continuou a lição.

PROFESSOR: Pois bem, João, ainda não sabe me dizer quem é?

Estagiário: Bem, depois dessa resposta, acho que não senhor.

PROFESSOR: Ora, não me diga que não sabe nada sobre você! Com certeza está apenas confuso! Tente de novo, quem é você?

Estagiário: Eu sou ser humano!

PROFESSOR: Muito bem, disto não duvidamos, mas...

Alguns alunos: Lá vem o "mas" de novo.

NARRADOR: O Professor ouviu o comentário e olhou para a turma tendo a certeza de que eles estavam atentos ao que iria ser apresentado.

PROFESSOR: mas, outros seis bilhões de seres podem dizer o mesmo, em outras línguas, utilizando outros termos e alguns, mesmo sem saber ou poder falar, poderão ser incluídos neste grupo. Assim, o que podemos concluir?

LUCIANO: Podemos concluir que "ser humano" não define o João, é como dizer "objeto" para definir o que é mesa.

MARIA: Além disto, mesmo que ele diga "homem" o universo reduzirá para três bilhões, mas não resolverá nosso problema. Se disser "homem brasileiro", uns 90 milhões; ainda, se disser "homem paulista" uns 30 milhões e assim, vai. Portanto, não há como, por estas vias, respondermos à pergunta.

PROFESSOR: Exatamente. Bem o que podemos perguntar ao João agora?

Quase todos: Quem é você?

NARRADOR: Um certo ar de graça invadiu aquela sala afastando o frio.

Estagiário: Poderia passar a pergunta para outro? Estou tentando anotar o que está acontecendo.

PROFESSOR: Se você não se importa de indicar alguém, nós aceitamos, não é turma?

Quase todos: Claro que nós não aceitamos!

Estagiário: Agora estou numa situação complicada. Gostaria de indicar alguém, mas acho que ninguém quer ser indicado.

Quase todos: Indique a Maria, ela sempre gosta de participar. Ela é a fã do professor.

CIRO: Não, ela não é a fã do professor, ela é a fim do professor.

MARIA: (De muito mau humor) Idiotas!

Estagiário: Você ficaria incomodada em participar, Maria?

MARIA: (respondeu de modo ríspido) Sim!

Estagiário: Bem, pelo jeito terei de continuar respondendo às perguntas.

PROFESSOR: Se você não se importar, escolherei eu mesmo um aluno. Que tal você Ciro? Afinal, sua observação ofendeu a Maria e por causa disto perdemos a oportunidade de dialogar com ela.

CIRO: Está bem. Digo que sei quem sou, pois eu não me confundo com ninguém. Afinal, eu tenho determinadas características físicas, como minhas feições, meu corpo, minha voz e outras coisas.

PROFESSOR: É uma excelente resposta. Mas até mesmo pela construção da frase percebe-se que você está enganado, pois você disse: eu tenho, então quem é esse que tem feições, corpo, voz?

Estagiário: (Não agüentando a oportunidade de responder depois que Ciro ficou quieto por uns instantes) No entanto, ninguém possui corpo, feição e voz iguais aos dele! Por isso, sei que ele é diferente de todos os demais habitantes da Terra.

Professor João

PROFESSOR: Muito bem, vejo que as aulas lá na faculdade têm sido úteis para que os alunos aprendam a raciocinar. De qualquer forma, vocês ainda não responderam a questão. Ora, Ciro, de fato você consegue se individualizar por essas características, portanto, graças ao seu rosto, por exemplo, não se confunde com outro ser humano na Terra, que já tenha existido, que exista, que existirá. Mesmo assim, o máximo que conseguiu me dizer foi: não me confundo com outras pessoas porque minha aparência é diferente. A pergunta continua em pé: quem é esse, cuja aparência é única? Você é a sua aparência?

MARIA: Professor perdoe-me, mas acredito que podemos nos definir como aquilo que parecemos, sim.

PROFESSOR: Como eu disse, não estava preparado para todas as perguntas, então, deixe-me especular um pouco também. Poderia dizer que você não é mais a mesma pessoa de dez anos atrás?

MARIA: Acredito que sou a mesma, porém com outra aparência!

PROFESSOR: Se você é sua aparência e se sua aparência muda, então você também deve ter mudado com ela! Ora, isso é impossível! Quando era criança você tinha uma aparência diferente da que tem agora, porém continua a mesma pessoa ou não?

MARIA: Concordo que sim.

PROFESSOR: Como é possível você ser a mesma pessoa e ter mudado de aparência? Se a aparência: uma menina de um metro de altura e com longos cabelos, mudou para uma mulher, de um metro e setenta centímetros.

NARRADOR: Nesse momento, a aluna soltou os cabelos e todos riram.

PROFESSOR: Bem, vejo que me enganei quanto aos cabelos, mas de qualquer forma sua aparência mudou e você permanece a mesma pessoa. Por outro lado, considere: se alguém sofreu um acidente e foi mutilado, ele precisa deixar de ser quem é por causa da ausência de um braço ou de uma deformação no rosto?

LUCIANO: Após sofrer uma mutilação, a vida da pessoa se transforma!

PROFESSOR: Sem dúvida, ela precisa mudar sua forma de pensar e de agir, de qualquer forma farei mais uma pergunta.

Maria, então se antecipou.

MARIA: Quem é esse que mudou de aparência e as formas de pensar e agir?

PROFESSOR: Exatamente. Imaginemos que houve uma mudança de aparência voluntária, por exemplo, daquelas que pessoas fazem para mudar de identidade num programa de proteção às testemunhas. Por mais que a aparência mude, será sempre a mesma pessoa.

CIRO: Nestes casos os nomes também mudam, assim como os documentos e tudo o mais. Sei disso, porque sempre assisto os seriados policiais.

PROFESSOR: Então, pode mudar tudo isto que teremos sempre a mesma pessoa, não é verdade?

NARRADOR: Um aluno tímido, chamado Pedro, resolveu participar da aula. Isto era bem raro de acontecer. Disse ao PROFESSOR: espere aí. Levantou-se, tirou seu documento de identidade da carteira e mostrou-o, de longe, ao professor.

PEDRO: Neste documento de identidade está o meu nome e minha fotografia, ninguém possui outro igual a esse, por isso, sei muito bem quem sou.

PROFESSOR: Muito bem, Pedro, é muito bom ver que você está participando da aula também. Gostaria muito de concordar com este seu argumento, porque não convém falar a um aluno que ele está errado em sua primeira participação. Como não posso fugir ao meu ofício, então deixe-me refletir com você.

Sem dúvida, seu documento de identidade traz dados que se referem somente a você, salvo o caso de o terem clonado. Você acha que pode responder à nossa pergunta com os dados do seu documento?

PEDRO: O número refere-se, no universo de todos os brasileiros, somente a mim.

PROFESSOR: E ele lhe diz quem você é?

PEDRO: Como assim?

PROFESSOR: Você acha que com este número já sabe quem é de verdade? Ou seja, se eu lhe perguntar quem é você, poderá responder-me: eu sou o 33.456.789?

PEDRO: Não.

PROFESSOR: Então, o que podemos concluir?

PEDRO: Que este documento pode até me individualizar, mas não diz quem eu sou.

CIRO: Um momento, há algo em nós que podemos dizer ser exatamente nós mesmos.

PROFESSOR: O que seria?

CIRO: O DNA! Ele é absolutamente nós mesmos! Nossa máxima identidade! Então, acho que com isso consigo responder dois argumentos seus: em primeiro lugar a ciência resolveu o problema do ser; em segundo lugar, encontramos a resposta.

PROFESSOR: Excelente reflexão, Ciro. Acredito que desta vez me pegou mesmo. Não vejo como possa respondê-lo a contento.

LUCIANO: Deixe de conversa, professor, o senhor sabe muito bem que ele não está certo e só está enrolando.

PROFESSOR: Pelo cão, Luciano! Isto não é verdade. Realmente os argumentos do Ciro deixaram-me confuso, não sei o que responder. O máximo que posso fazer é dirigir-lhe algumas perguntas.

LUCIANO: Não falei que ele já sabia o que fazer?

PROFESSOR: Se lhe agrada, então posso pedir a algum colega seu que me substitua nesta tarefa e dirija ele mesmo alguma dúvida ao Ciro para ver se seus argumentos são consistentes.

MARIA: Pode ser eu, professor?

PROFESSOR: Acredito que sim, a não ser que haja mais algum candidato, neste caso, procedamos por votação.

NARRADOR: Não houve mais nenhum candidato, no entanto, para variar, os comentários se avolumaram: metida, exibida, puxa-saco. Tudo no mais absoluto ambiente de coleguismo entre adolescentes.

MARIA: Ciro, vou deixar o assunto da ciência para depois, agora, quero discutir o assunto do DNA. Diga-me, então, para você o DNA nos identifica, diz quem somos?

CIRO: Exatamente.

MARIA: Então, quer dizer que antes de fazermos um exame de DNA não sabemos dizer

Professor João

quem somos? E quando você fizer um exame para identificar seu código genético ao obter o resultado, digamos XL34KW3 poderá dizer: eis que finalmente encontrei minha identidade, meu verdadeiro eu?

CIRO: Bem, não foi isso que eu quis dizer. Eu falei que o DNA é absolutamente nosso. Número de identidade, endereço, nome, tudo pode se repetir, mas o DNA , não.

MARIA: Ora, o que me diz é que o DNA nos individualiza em relação aos outros seis bilhões de habitantes do planeta, mas não nos diz quem somos, veja que você não poderá responder eu sou XL34KW3.

CIRO: Está bem, Maria, você venceu.

PROFESSOR: Acho que os dois venceram, porque foram muito profundos em suas reflexões. A diferença é que Maria ainda está em busca da resposta, ao passo que o Ciro, comportando-se como um cientista, conformou-se com a resposta que os mais modernos métodos atuais de exame nos mostram. Contudo, nosso objetivo aqui não é o de ficar lembrando destas duas grandes correntes, mas responder a nossa pergunta.

LUCIANO: E se eu considerar meu endereço, meu nome, meu documento de identidade, minha aparência, meu DNA e tudo o mais, será que não consigo saber quem sou?

CIRO: Não adianta. Voltamos ao mesmo problema da mesa, isto é, a soma de todas as características não nos diz o que é a coisa, neste caso, nós, somos.

PROFESSOR: Concordo com o Ciro, Luciano. A soma das características de uma coisa ou de uma pessoa não nos dizem o que são. Podemos sintetizar isto dizendo que se há características elas pertencem a alguém ou alguma coisa, nossa pergunta é: quem é esse que possui tais características.

NARRADOR: Um momento de silêncio seguiu-se à aula. O professor se dirigiu à lousa e fez um pequeno quadro sintetizando o que fora discutido até então. Quando terminou, aguardou a turma copiar o quadro e, quando retomou a palavra foi interrompido por uma batida na porta. Era a coordenadora que veio dar um recado. Como ela interrompeu a aula os alunos fizeram um muxoxo, porque queriam chegar ao final daquela conversa. Ela estranhou tanto interesse da turma, mas gostou do que viu, elogiou o professor que retribuiu gentilmente, e deu seu recado. Por motivos de força maior, não haveria aula depois do intervalo, então todos estariam dispensados. Os dez minutos finais foram tomados por tal empolgação da turma que mesmo o interesse pela resposta foi suspenso. Um ou outro continuaram a conversar com o professor, assim como o estagiário. Eu, particularmente, arrumei minhas coisas e saí assim que o sinal tocou.

AULA QUARTA OU DO SENTIMENTO DE SER

NARRADOR: Na semana seguinte a aula de filosofia foi aguardada com grande ansiedade por todos. A maioria de nós estava achando aquilo muito divertido, mesmo não sabendo exatamente onde ia dar ou se era mesmo filosofia. Para a estação de inverno, aquela era uma noite gostosa. Estávamos bastante agitados e assim que o professor entrou começaram uma chuva de perguntas, algumas sérias, outras nem tanto. Com ele entraram mais duas pessoas, o estagiário João e a própria coordenadora que pedira permissão para assistir a aula de João - o PROFESSOR: pois estava provocando um terremoto em toda a escola. Estávamos tão envolvidos com o assunto que sequer nos abalamos com a presença dos dois, especialmente da coordenadora. O professor também não se abalou e iniciou com uma breve revisão do que víamos até então e, depois, prosseguimos para aquela que poderia ser chamada de "noite da

Maria", pois ela viera preparada para a aula.

PROFESSOR: Muito bem, depois desses dias todos gostaria de saber se alguém entre vocês trouxe a resposta à nossa questão, qual seja: quem é você?

NARRADOR: Imediatamente Maria levantou a mão e, depois de o professor conceder-lhe a palavra, começou:

MARIA: Estive pensando durante a semana sobre o assunto e cheguei a algumas conclusões. Ora, o esforço que fizemos até aqui para responder à pergunta "quem é você" estava errado desde o princípio. Quero dizer, no caso dos seres humanos não é possível dizer quem somos levando em conta somente nossas características físicas ou exteriores, mas é preciso considerar o que somos "por dentro", não sei me expressar bem, quero dizer, nossos pensamentos, e sentimentos. Nós somos nossos sentimentos e nossos pensamentos.

CIRO: Ai, que romântico...

LUCIANO: Pára, Ciro!

PROFESSOR: Calma gente. Ciro, deixe-a continuar. Isto é, acredito que você iria continuar, não?

MARIA: Ia sim. Então, eu sei quem sou, porque penso e não poderia pensar por mais ninguém e ninguém poderia pensar por mim. Além disso, eu também sinto que sou única, este sentimento toda a humanidade pode ter também, porém, o que eu sinto me diz que sou e que não me confundo com mais ninguém...

NARRADOR: Fez uma breve pausa, no entanto, uma pausa que mostrou um certo receio de demonstrar sua idéia. Maria não olhava para o professor ou para qualquer um de nós, olhava para o vazio como se estivesse lendo um letreiro posto diante de seus olhos. A impressão que tive era de que ela falava e consultava mentalmente todos os argumentos que preparara.

MARIA:... dou-me por satisfeita em dizer quem sou, mas por outro lado, não consigo dizer o que é a mesa, porque ela não pensa nem sente. Se eu disser que ela é o que sentimos e pensamos sobre ela estaria no caminho errado, afinal de contas, o que sinto ou penso dela fazem parte de mim mesma, estão em mim e não nela.

NARRADOR: Agora o silêncio foi mais longo; Maria ficou com o olhar no vazio por um tempo, depois ousou olhar para o professor que coçava o queixo e olhava fixamente para o chão. A sala toda estava quieta, esperando algum comentário do professor ou talvez que Maria continuasse. O fato é que nunca vi um silêncio como aquele e nem tanta expectativa. Depois de algum tempo o professor parece ter voltado de suas reflexões e sorriu para a sala.

PROFESSOR: Se nós não estivéssemos estudando filosofia, pediria uma salva de palmas para Maria, pois suas reflexões são dignas de nossa admiração.

NARRADOR: A sala não se fez de rogada e aplaudiu fervorosamente a menina. Ficamos impressionados como sua pele morena pôde enrubescer tanto!

PROFESSOR: Sinto muito, Maria, sei que ficou envergonhada, mas mereceu os aplausos. Agora, gostaria de dizer duas coisas, ambas bastante ligadas uma a outra e nem poderia ser diferente, senão produziria um discurso confuso. A primeira é: quando fiquei quieto, depois do que Maria falou a maioria de vocês deve ter imaginado que estava preparando uma resposta. E estavam enganados. A segunda é: no que eu estava pensando? No quanto é arriscado este negócio de pensar e pensar. Vejam só, as reflexões de Maria deixaram-me sem palavras. Ao que me parece ela resolveu completamente a questão da segunda pergunta.

Professor João

Mesmo a primeira estando em aberto, diria que tem menos importância. O que parece à vocês, podemos dar por encerrada a questão com a resposta de Maria?

NARRADOR: A maioria anuiu. Luciano, no entanto, ousou fazer uma observação.

LUCIANO: Professor, sem querer ofendê-lo, nem à Maria, acredito que deixaram passar algo que me pareceu óbvio desde o início da argumentação dela. Quero dizer, ainda que só eu sinta e pense por mim mesmo, não sei dizer quem sou. Não sei quem é este que pensa e sente por si mesmo. Aliás é o que estamos nos perguntado há um bom tempo.

CIRO: Concordo com o Luciano, o discurso de Maria havia me enganado e o Luciano concertou o erro. De fato, não responde à pergunta e me ocorre uma idéia também. Se sou meus sentimentos ou pensamentos, então se ficar louco ou se adormecer profundamente por causa de algum remédio bem forte, perco a consciência de mim, mas não desapareço, estou lá só não sei quem sou.

MARIA: Então, neste caso, todos estamos ou loucos ou dormindo porque não sabemos dizer quem somos? Aonde esta investigação vai chegar professor?

PROFESSOR: Lembrem-se da Alegoria da Caverna? Vocês agora entendem o que é a metáfora dos homens lá no fundo contemplando as sombras e pensando que elas eram realidade?

NARRADOR: Pedro pareceu tomar algum gosto pela escola e resolveu participar novamente da aula. Talvez o professor não soubesse disso, mas nós que o conhecíamos vimos que era uma grande mudança.

PEDRO: Um momento, toda esta conversa parece bonita, mas eu não concordo com nada disso. Vocês estão todos errados. Para mim, a resposta da pergunta "quem sou eu" está muito mais clara do que imaginam. Eu sou o resultado das minhas ações. Se sou ladrão, uma hora acabo morto ou preso. Se eu sou estudante, acabo numa faculdade e arrumo um emprego ou vou para a fila dos desempregados. Se eu sou cantor de rap levo consciência aos "manos" da periferia.

PROFESSOR: Pedro, você novamente está no caminho certo, porque encontrou uma referência para elaborar sua reflexão. Longe de mim dizer que qualquer um de vocês está errado, mesmo porque vocês sabem quem são e toda esta discussão não faz a menor diferença sobre esta certeza. É apenas um exercício intelectual, não tenho a pretensão de "fazer consciências".

Acredito que, por mero exercício, podemos avançar um pouco na investigação a partir do que seus colegas e você mesmo falou. Vejam, não trouxe respostas prontas, não sabia o que iriam dizer ou argumentar, por isso, vou refletir com vocês e não por vocês e para isso preciso de ajuda.

CIRO: Lá vem ele pedir um voluntário para responder algumas perguntas.

PROFESSOR: Acho que já tenho um.

CIRO: (assustado) Eu não, só estava brincando!

PROFESSOR: Seu amigo Pedro está com a mão levantada. É para ser o voluntário, creio?

PEDRO: Sim.

PROFESSOR: Muito bem, então deixe-me ver se consigo encontrar algum caminho. Meu caro Pedro, pelo que a Maria falou nossos sentimentos e nossos pensamentos nos tornam únicos, não é mesmo, então eles poderiam nos dar uma pista de quem somos, exato?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

PEDRO: Certo.

PROFESSOR: Como Ciro e Luciano perceberam, porém, que não basta pensar e sentir para saber quem é. Precisamos lançar mão de outro recurso ou encontrar outra saída, pois todos sabemos que somos, mas não sabemos quem somos. Até aqui, se não me engano, era onde seus colegas haviam chegado?

PEDRO: Assim me parece.

PROFESSOR: Então, você encontrou uma outra saída que é muito interessante: nós somos o resultado de nossas ações. Sou ladrão, sou professor, sou músico. Este é o seu argumento ou me esqueci de algo?

PEDRO: Parece-me que lembrou direito, é isso mesmo.

PROFESSOR: Então, você não me deixa outra saída a não ser fugir da sua resposta, porque não vejo nada contra ela, porém também não vejo que ela satisfaça à pergunta. Acredito que ela será útil para discutirmos a Filosofia Prática, ou seja, a Filosofia moral, a política, a ética. Agora, ela não me serve, por isso, devo lhe dirigir uma pergunta. Meu amigo Pedro - desculpe-me pela intimidade - diga-me quem você é então?

PEDRO: Sou um cantor e compositor de rap, levo consciência aos manos.

PROFESSOR: Ora, Pedro, não lhe perguntei o que você faz, nem o que você pretende levar aos manos, mas quem você é!

PEDRO: Não me convenceu! Eu sou um cantor e compositor e não há o que me diga que estou errado.

PROFESSOR: Então, você canta e compõe o tempo todo?

PEDRO: É claro que não!

PROFESSOR: Você concorda comigo que, por vezes, é passageiro do trem? E por vezes é o público de um programa de tevê ou rádio? Outras vezes ainda, é aluno desta escola. Como pode ser tantas coisas? Se você fosse cantor e compositor não poderia deixar de sê-lo porque não podemos deixar de ser quem somos. Concorda agora?

PEDRO: Não sei. Tenho que pensar sobre o que você falou.

PROFESSOR: É exatamente este meu objetivo, não pretendo convencer ninguém de nada, apenas proporcionar-lhes um pouco a experiência do pensamento.

MARIA: Da filosofia.

PROFESSOR: Maria, por favor, dê uma boa olhada neste seu professor e veja que ele não poderia se atrever a dizer que está fazendo filosofia. Sinto muito se os decepciono, mas filosofia é outra coisa.

NARRADOR: Neste momento, não faltava muito para o sinal, o estagiário resolveu voltar a falar. Aliás havia fechado seu caderno de anotações há algum tempo.

Estagiário ? Concordo plenamente com o senhor a respeito deste último ponto, professor e olha que não havia concordado com nada antes disso.

PROFESSOR: Estou um pouco confuso, o que você quer dizer exatamente. (disse o professor sem utilizar um tom de desafio).

Estagiário ? Ora, que isto que você faz não é filosofia. É uma mistura de delírio e algum raciocínio. Há um professor na faculdade que costuma definir uma postura como a sua de "um

Professor João

sujeito que perdeu a noção do que é realidade e do que é sonho". Não há nada de filosofia na sua aula. Não há referência às grandes obras do pensamento, não há nenhuma análise dos principais conceitos dos filósofos, nem sequer um pouco de "vida e obra", até mesmo o método genético é mais filosófico do que sua forma de dar aula. Você tinha razão quando disse que talvez eu aprendesse com o senhor como não dar aula de filosofia. Já sei o que não vou fazer.

PROFESSOR: É verdade, João, você tem razão, nas últimas aulas venho negligenciando a história da filosofia e devaneando sobre um assunto de pouco valor. Prometo que, assim que me livrar desta incômoda sensação de que tenho de chegar ao final desta investigação, voltarei para nossa querida história da filosofia, às grandes obras e aos conceitos dos mestres.

Estagiário ? Será que você ainda se lembra quais eram? Aliás, estou aqui me perguntando desde o início se você é realmente filósofo.

PROFESSOR: Como poderia saber se sou filósofo se, como você mesmo testemunhou, reconheço diante da sala que não sei dizer quem sou, não sei dizer o que são as coisas - e se não sei dizer o que é uma mesa, que dirá dizer o que é a filosofia! Se tivéssemos mais tempo gostaria de ouvir de você o que é a filosofia assim quem sabe poderia deixar de ser tão ignorante e aprender com quem, com certeza sabe alguma coisa.

Estagiário: Volte para sua faculdade ou venha fazer a minha e aprenderá o que é filosofia. Assim poderá aprender o que ensinar aos seus alunos.

NARRADOR: A essas alturas o sinal já havia batido há mais de dez minutos, mas ninguém se moveu da sala. A coordenadora foi para a porta e reteve o professor de matemática que queria entrar. Disse que estavam resolvendo um assunto importante e pediu para não serem interrompidos. Fechou a porta e voltou a prestar atenção ao diálogo.

PROFESSOR: É uma boa sugestão, mas diga-me uma coisa, seus professores que ensinam a filosofia ainda costumam ensinar apenas um ou dois filósofos por vez, e mesmo assim, só uma ou duas partes de suas obras?

Estagiário: é exatamente assim.

PROFESSOR: Então, se eu voltar para a faculdade e estudar cada parte da filosofia por vez, ao final do curso vou poder dizer o que é a filosofia no todo?

Estagiário: É claro que não! Nem em uma vida inteira conseguiríamos conhecer a filosofia toda!

PROFESSOR: Então, se fosse uma faculdade de medicina poderíamos dizer que cada professor ensina, no máximo duas ou três partes do corpo por vez, e mesmo assim apresentando somente algumas de suas funções? E também que ao final do curso de medicina, por mais que nos esforcemos, não conheceríamos o corpo humano todo. Mesmo assim, diríamos que somos médicos e nos colocaríamos a prescrever medicamentos aos enfermos?

Estagiário: Não sei aonde quer chegar, mas me parece que sim. A medicina funciona assim não é, por especialidades? Você duvida dos seus efeitos?

PROFESSOR: Longe de mim, se não fosse pelos médicos eu nem estaria aqui neste momento. Porém, pelo que pude entender, você acha que os médicos não sabem dizer o que é o corpo humano como um todo, pois não o estudaram assim, mas em partes?

Se com a filosofia ocorre o mesmo, estudamo-la em partes e depois não conseguimos juntar o todo, quem poderia nos dizer o que é a filosofia? Tal como os médicos não perdem tempo

definindo precisamente o que é o corpo humano (se satisfazem com uma ou outra explicação superficial) e se preocupam somente em dar saúde ao corpo humano, então nós filósofos também não sabemos dizer o que é a filosofia (a não ser que nos satisfaçamos com uma ou outra resposta superficial) nos preocupamos somente em estudá-la. Enfim, se não há filósofo que possa dizer o que é a filosofia, aquele seu convite para ir descobrir o que é a filosofia não nos serve mais não é mesmo?

Estagiário: Mesmo assim, o que você aprender por lá será melhor do que qualquer coisa que disse aqui.

PROFESSOR: Ainda que o que eu tivesse a dizer pouco importasse aos alunos?

Estagiário: Se eles não se interessarem por filosofia, paciência, são apenas vítimas da indústria cultural e dos aparelhos ideológicos da burguesia.

PROFESSOR: Então, você é estagiário de uma disciplina que não conhece e jamais conhecerá toda e não se importa se o que você tem a dizer interessa a quem você deve falar?

Estagiário: Se é assim que você interpreta minhas palavras.

PROFESSOR: Ainda bem que você é filósofo e a filosofia é inofensiva, fico imaginando o que seria dos passageiros se você fosse motorista de um ônibus que não sabe dizer o que é e não se importasse, também, com os rumos que seu ônibus tomasse.

NARRADOR: Ao proferir estas últimas palavras o professor provocou risos na sala, percebemos que o professor levou o estagiário a confundir seus argumentos e que, por estes, iria a uma conclusão absurda, apesar de nós não entendermos bem todo o teor do diálogo. O estagiário levantou-se e saiu sem se despedir de ninguém. Parece-me que nem veio buscar os documentos que comprovavam seu estágio.

AULA QUINTA OU DAS IDÉIAS

NARRADOR: Na semana seguinte o professor não veio e a coordenadora nos avisou que era algum problema de saúde. Fomos para a quadra e alguns jogaram futebol, outros ficaram andando no pátio. Alguém, não me lembro quem, disse que não era doença nada, que depois do que a coordenadora ouviu do estagiário, achou que o professor não ensinava filosofia coisa alguma e que iria ser demitido. Esta notícia causou alguma agitação e dois alunos foram saber da coordenadora se aquilo era verdade. Voltaram aliviados com a resposta dela: não havia o menor interesse em demiti-lo. Apesar das piadas com aquela pergunta que não nos deixava em paz (o que é isso?) ficávamos pensando sobre qual seria a resposta para aquelas perguntas: o que é mesa, quem sou eu. No mais, a semana transcorreu normalmente, assim como o inverno que chegava ao seu auge. Aquelas salas de aula não pareciam ter sido feitas para ele, pois em nada melhoravam nossa sensação de frio. Como estávamos perto das férias de julho, tínhamos confiança de que saberíamos a resposta antes de iniciarem as férias.

A semana seguinte começou tranqüilamente, porque estavam mesmo todos pensando era na aula de filosofia e o que seria o final daquela investigação. Era a penúltima aula, deveria trazer a resposta, pois a última deveria ser utilizada para fazer a prova.

Chegou a quarta-feira e mal agüentávamos de curiosidade. O professor chegou e foi cercado por um grupo de alunos que, entre uma piada e outra sobre sua aula, queriam saber a resposta da investigação.

Alunos: Como você fará a nossa prova se não sabemos a resposta certa? Você vai perguntar o que é prova? Quem somos nós? Então, a minha ficará em branco.

Professor João

NARRADOR: Por aí iam as piadas até que a aula começou.

PROFESSOR: Vocês estão bem agitados, não? Há algum motivo especial?

LUCIANO: Claro. Hoje você tem que nos dar a resposta da... - como você chama mesmo? - pergunta, questão...

CIRO: ... investigação.

LUCIANO: Isso mesmo. Por que a prova tem que ser na semana que vem e nós precisamos da resposta.

PROFESSOR: Puxa vida! Esqueci-me de que tenho de avalia-los. Não imagino como vou fazer isto. Vocês têm alguma sugestão?

CIRO: Não aplique prova, apenas nos dê a nota.

PROFESSOR: E como vou avalia-los? Assim, estaria fugindo da minha obrigação.

CIRO: Eu estava brincando.

LUCIANO: Acho que você poderia pedir que nós respondamos às perguntas "o que é mesa" e "quem é você". Aí, nós teríamos que explicar porque não conseguimos responder à pergunta. Você se lembra, não é um objeto, um nome, aquelas coisas.

PROFESSOR: Boa sugestão. Todos concordam com o Luciano?

Narrador: A sala fez silêncio por algum tempo.

Professor: Se não há outra sugestão, muito bem, esta será a prova.

LUCIANO: Então, agora, quais são as respostas?

PROFESSOR: Antes de concluir nossa investigação, acho que devemos saber se estão convencidos do que é ignorância e do que é conhecimento.

CIRO: É claro que estamos, então diga-nos qual é a resposta.

PROFESSOR: Se, por acaso, ao invés de filosofia eu estivesse discutindo com vocês assuntos de matemática e tivessem que me dizer o que é o cálculo integral, o que vocês fariam? Ficariam aguardando que eu os ensinasse ou iriam investigar a resposta?

LUCIANO: Se fosse um trabalho iríamos pesquisar.

PROFESSOR: E não pesquisaram sobre o nosso assunto?

LUCIANO: Não. Era para fazer isto?

PROFESSOR: Tem razão. Acho que não cheguei a pedir para vocês fazerem pesquisas.

MARIA: Mas eu fiz.

NARRADOR: Todos olharam para ela espantados, menos por ela ter estudado e muito mais por não conseguirem saber onde ela iria conseguir respostas para a pergunta. Ela não se fez de rogada e começou a falar, com um certo ar de orgulho.

MARIA: Em primeiro lugar, fiquei pensando em algum livro que pudesse me ajudar. Fui até a biblioteca municipal, mas os livros de filosofia que tinham por lá não respondiam nossa investigação ou, se respondiam, eu não entendi nada. Expliquei melhor o que eu queria para a bibliotecária e ela me indicou o Mundo de Sofia. Foi dali que você tirou esta aula?

PROFESSOR: Não, infelizmente, porque eles devem saber a resposta daquelas perguntas o que seria muito bom, pois na entrada da sala ameaçaram agredir-me se eu não der logo a

resposta.

MARIA: No livro está escrito que a resposta para a pergunta o que é mesa é: mesa é uma idéia. Nós já tínhamos falado sobre isso há algum tempo.

NARRADOR: A sala ficou em silêncio, coisa rara naqueles tempos, aguardando a resposta do professor. Olhavam para Maria com espanto, como se não tivessem mais diante de uma aluna e sim de uma professora. Como ele iria reagir, era o que todos queriam saber.

PROFESSOR: Novamente você me espantou, Maria. Conseguiu descobrir a resposta sobre o que é mesa e também sobre quem somos. Meus parabéns. Esta é a famosa teoria das idéias de Platão. Não tive muito tempo de falar sobre ela, quando expliquei a Alegoria da Caverna, porque logo começamos esta conversa e ela não acabaria mais se você não tivesse encontrado a resposta.

NARRADOR: Colocando a mão no queixo, olhando vagamente para baixo, o professor pareceu mergulhar em algum pensamento. Ficamos aguardando o desfecho dos seus pensamentos. Eles acabaram num sorriso e logo perguntou para a classe.

PROFESSOR: Bem, uma vez que o estagiário não está aqui para nos vigiar e saber se o que estamos fazendo é filosofia ou não, acredito que possa devanear um pouco mais e, com certeza, ir mais longe do que eu supunha. De toda forma, por prevenção, seja qual o resultado ao qual chegemos, gostaria que considerassem as minhas opiniões apenas delírios de um professor do segundo grau; diante da resposta de qualquer outro filósofo, fiquem com as deles. Seja em livros, entrevistas ou aulas. Porque, o que vamos fazer aqui, é uma aberração para um mero professor, se eu fosse um pesquisador do pensamento de Platão, talvez pudesse fazê-lo, ou talvez aí mesmo é que não o faria.

Independentemente de tudo isso, gostaria de perguntar a vocês: alguém se convenceu com esta resposta?

Silêncio.

PROFESSOR: Quero dizer, depois de perceberem que não sabem dizer o que é mesa e quem são vocês, dizer "idéias" satisfaz nossas indagações? Mesa é uma idéia? Eu sou uma idéia?

LUCIANO: Para falar a verdade, não. Gostaria de uma resposta mais clara e que me convencesse de fato. Esta não tem nenhuma chance.

PROFESSOR: É isso mesmo que eu queria dizer. Alguém mais concorda comigo e com o Luciano?

NARRADOR: A resposta foi unânime. De fato, dizer que mesa é uma "idéia" e que todas as mesas existentes são cópias mais ou menos imperfeitas da idéia de mesa não nos convenceu, muito menos quando aplicado a nós mesmos. Maria, então retomou a palavra e começou.

MARIA: Sem querer ser ousada, professor, eu diria que também não me deixei convencer por esta resposta. A princípio parece correta. Então, conversei com meus pais e também com um tio meu. Eles me acharam louca.

CIRO: Não estão sozinhos nisso...

MARIA: (sem ligar para o comentário de Ciro e as risadas dos outros colegas) Depois de algum tempo de conversa uma idéia me ocorreu: podemos buscar esta resposta em alguma religião.

Comecei a pensar. Todos nós temos alma, assim, se identificarmos o que é essa alma e o que ela tem em particular, talvez conseguíssemos saber quem somos. Dizer apenas "alma" já vi
Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Professor João

que não dá.

PROFESSOR: Tem toda razão. Em primeiro lugar, parabéns pelas reflexões e por sua memória. Acho que meu único objetivo, como já disse ao Pedro, é provocar um pouco de pensamentos. Em segundo lugar, você mesma percebeu que, por mais que recorramos às idéias religiosas vamos cair sempre no mesmo problema. Neste caso, se temos uma alma, podemos perceber que "alma" exerce a mesma função de "ser humano" serve para todos os habitantes da Terra, com a desvantagem de que se a alma for imortal, além dos que estão por aqui ainda somamos aos que estão nas esferas superiores, se é assim que se chama o lugar para onde as almas vão.

Por outro lado, para algumas religiões não existe alma, somos somente corpo, ou ainda, existe a alma mas ela é imortal, de qualquer forma, o problema permanecerá o mesmo.

CIRO: Então, se as religiões não podem me dizer quem sou, são inúteis!

MARIA: Não concordo. Acho que as religiões são úteis para outras coisas. Além disso, parece-me que algumas religiões antigas levavam a pessoa a descobrir quem ela era. Não me lembro bem o nome.

PROFESSOR: São as religiões dos mistérios. O mais famoso para nós são os Mistérios de Elêusis, nos quais Sócrates e Platão, certamente, eram iniciados. Esta discussão, apesar de muito interessante, também não nos leva à solução do nosso caso.

LUCIANO: Aonde vamos chegar? Afinal, se não soubermos quem somos, como podemos nos orientar na vida?

CIRO: Calma, Luciano, não precisa ficar tão desesperado.

LUCIANO: Estou falando sério! Estou realmente convencido de que não sei quem sou e quero saber!

MARIA: Acho que só vamos descobrir se irmos até a Grécia e encontrarmos algum sacerdote que conheça bem os Mistérios de Elêusis.

CIRO: E que fale o português!

Pedro: Espere aí! E o senhor, professor, sabe quem é? Então, por que não nos diz?

PROFESSOR: É uma boa pergunta esta sua, Pedro. Assim como foram muito bons os raciocínios de seus colegas. Acredito, porém, que haja uma outra saída para nossa situação de aporia. Trata-se de uma radical guinada de direção. Viremos as costas para a pergunta "quem sou eu", pois para onde ela nos levou? Parece-me mais importante preocuparmo-nos com outras coisas.

CIRO: Com o que, professor? O que é mais importante saber do que quem somos?

PROFESSOR: Tem razão. Esqueci-me de que falo com adolescentes e que vocês, nesta fase em que se encontram estão mais preocupados com o conhecimento de si mesmos do que com os outros. Então, preciso justificar melhor esta mudança de direção.

MARIA: Como assim, não entendi?

PROFESSOR: Devemos nos preocupar mais com o resultado das nossas ações no meio em que vivemos, do que definir quem somos. Independentemente do conhecimento de quem de fato somos, importa é saber respeitar os outros, as leis, sermos bons para com os necessitados, bons cidadãos.

LUCIANO: Nossa, parece um padre falando!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

CIRO: é mesmo!

PROFESSOR: Desculpem-me pelo tom de sermão, nem tenho ministério para isso. O que eu quis dizer é que devemos passar de um campo a outro da filosofia, ou seja, devemos deixar a Ontologia e nos dirigirmos para a Ética. Poderíamos investigar um pouco mais daquele campo, mas não iríamos a nenhum lugar mais interessante do que este para o qual vamos, isto é, discutirmos a ética, os princípios que orientam nossas ações, bem como os seus resultados. O que lhes parece?

LUCIANO: O que discutiremos em ética?

PROFESSOR: A liberdade, por exemplo. Todos queremos ser livres, mas é possível a liberdade em sociedade? É possível sermos inteiramente livres? Além disso, a justiça, o respeito aos outros, ao meio ambiente, o bem comum. Outros assuntos que os filósofos analisaram antes de nós e dos quais tomaremos algumas leituras para podermos seguir nossas reflexões.

Silêncio.

EPÍLOGO

Narrador: Depois das provas vieram as férias. Depois das férias cada um tomou um rumo na vida. Até onde sei, foram mais ou menos os seguintes.

O professor João nunca mais deu aula naquela escola. De vez em quando, vasculho a Internet em busca de notícias sobre ele, mas até hoje não achei nada.

Maria formou-se em Biologia e dá aulas na mesma escola onde estudamos. Luciano mudou-se da cidade e nunca mais ouvi falar nele. Ciro não fez faculdade. E eu, Pedro, formei-me em filosofia e narrei esta história para vocês.

FIM

Professor João